

# Atropos e os entre-tempos

Mário Bruno\*  
Isabelle Christ\*\*

## RESUMO:

Este estudo tem por objetivo analisar as relações entre morte, tempo e poder no romance *As intermitências da morte*. A morte, em uma dada sociedade, resolve não mais matar. Qual o sentido dessa intempestividade da morte? Como entender suas intermitências?

**Palavras-chave:** Tempo. Intermitências. Poder. Morte. José Saramago.

Na primeira parte deste artigo sobre *As intermitências da morte*, estudaremos a insustentabilidade de um tempo fora dos eixos. Nesse romance de José Saramago, a morte, esse grande espectro, que não se deixa docemente datar, mas que se encontra na cadeia dos presentes, resolve não mais matar. Qual o sentido dessa intempestividade da morte? Que sentido dar às suas intermitências? Para respondermos a essas perguntas, analisaremos certas relações de poder numa sociedade que pretende gerir a vida, tornando a morte simbolicamente ausente.

Na segunda parte, nos concentraremos na imagem de *Acherontia atropos*, ou borboleta-caveira, aqui sinônimo de vida e morte – vida breve e intensa, mas que já traz em si a marca da morte –, tentando dar conta do jogo especular que faz refletir em tudo as intermitências. Para bem e para mal.

## 1 O tempo fora dos eixos e as vidas desativadas

### O entre-tempo

Na modernidade, encontramos, de modos diversos, a ideia de um ordenamento dos trabalhos e dos dias, numa espécie de plano oculto da natureza. Para Kant a história da espécie realiza mecanicamente um plano - a natureza, perseguindo um fim que não é o seu – tem apenas um fim: o homem racional livre (KANT, 1986, p. 11-2). Esse esforço conjectural kantiano de estabelecer um destino moral para o homem é complementado pela teleologia de Hegel (1992, p. 219-20) para quem a história é a evolução consciente, automeciadora, do Espírito, visando a alcançar o autoconhecimento absoluto. Trata-se de um esquema supra-histórico sem singularidades eventuais, cujo desenrolar conspiraria para o coroamento de um presente inelutável? Alguns diriam: são os ritmos da história amadurecendo condições objetivas e dando à sociedade o tempo para modernizar-se. Mas quem escreve essa mecânica partitura? Quem marca o compasso da história?

*As intermitências da morte* não é um livro apenas sobre a morte, mas também sobre as intermitências: “como se o tempo tivesse parado, não aconteceu nada” (SARAMAGO, 2005, p. 12)<sup>1</sup>. Nesse entre-tempo, desde “as zero horas” (*IM*, p. 13) do dia 1 de janeiro, “a velha atropos da dentuça arreganhada” (*IM*, p. 11) guardou a tesoura por um dia. Começa aqui uma disjunção: “a disjunção do andar do tempo, o desajuste do nosso tempo” (DERRIDA, 1994, p. 35). Saramago apresenta com humor uma inflexão ética e política sobre um mundo que traz, aquém ou além do “reto caminho da história”, um mundo de revés. Neste tempo fora de gonzos, passa-se, segundo Derrida “facilmente do desajustado ao injusto” (p. 37): “decadência moral

ou a corrupção da cidade, o desregramento ou a perversão dos costumes” (p. 36-7). Saramago sabe que esse espectro sempre assombrou, na hora dos balanços, as esquerdas e as direitas e que não há *ipso facto* um destino inelutável. A história é feita de eventualidades, de singularidades e de contratempos.

A morte, com suas intermitências, é uma imagem do tempo desregrado. A igreja, o estado<sup>2</sup>, os jornalistas, as massas, os partidos políticos, tudo atua na discordância dos tempos.

O cardeal afirma que a igreja sempre foi especialista em contradizer a realidade, neutralizar pela fé o espírito curioso e não costuma dar explicações. A sugestão do cardeal é a tese: deus adiou a morte (IM, p. 20).

O estado pede comedimento e senso de responsabilidade e não exclui a hipótese de se tratar de uma casualidade, “uma alteração cósmica meramente acidental e sem continuidade, de uma conjunção excepcional de coincidências intrusas na equação espaço-tempo” (IM, p. 17). O estado se mostra especialista em enunciar “vaguidades pseudocientíficas” que tem por função tranquilizar pelo incompreensível. Não sendo isso o suficiente, complementa que se encontrava “preparado para todas as eventualidades humanas imagináveis” (IM, p. 17) e pronto para enfrentar com coragem todos os problemas sociais, econômicos, políticos e morais que a extinção definitiva da morte poderia suscitar.

Os jornalistas, pela pouca familiaridade com os tempos verbais, geram um quiprocó: milhões de pessoas passam a acreditar “que pela simples ação da vontade será possível vencer a morte” (IM, p. 15). A conclusão é: todos que morreram até hoje foi em virtude de uma censurável debilidade de volições.

As massas, “dotadas de uma visão prospectiva mais ambiciosa” (IM, p.15), anunciam que o sonho da humanidade estava concretizado: o gozo feliz da vida eterna tornara-se um bem comum a todos.

Os partidos políticos, disputando o eleitorado, entram em acordo e escolhem para governar um homem em coma profundo, um precursor. Nada melhor que um governante em coma depressivo.

Em *As intermitências da morte*, o sonho de imortalidade tornou-se um pesadelo. A igreja já não pode mostrar seu conhecimento “profundo” sobre os fins dos tempos. O fim chegou? O estado fracassa em todas as suas especulações e inventa, junto com a igreja, medidas inócuas para prevenir situações perigosas. Os jornalistas tornam-se especialistas em criar boatos. As massas se perdem em confusões e histerias. Os partidos políticos escolhem para governar alguém que já está virtualmente morto.

## **A condição universal**

Há quase setenta anos, a crise tornou-se o pão nosso de casa dia, como diz Derrida (1994, p. 31), o “pão de apocalipse” que temos na boca: fim da história, fim do homem, fim da filosofia, fim da arte, fim dos tempos.... Caímos num “messianismo desértico (sem conteúdo, sem messias identificáveis)” (DERRIDA, 1994, p. 47). E, nesse “deserto no deserto” (p. 47), Saramago nos coloca sob o signo de uma outra escatologia (outra?): tãatos leva sua “longa sombra” (IM, p.24) para longe. Mergulhamos numa página do “Apocalipse”, de João de Patmos: “E naqueles dias os homens buscarão a morte e não a acharão, eles desejarão morrer, e a morte fugirá deles” (APOCALIPSE 9; 5-6). Entretanto, como isso é possível se a morte é uma condição universal? Talvez a única condição universal que nos restava.

Quase todas as questões sobre o homem na modernidade, de Kant aos nossos dias, giraram em torno de uma analítica da finitude. A morte configura a nossa historicidade, o nosso ser negativo num sentido hegeliano (AGAMBEN, 2006, p. 10-1). O pensamento desse “ser que é, e não é o que é” (p. 10). A ontologia do moderno e do contemporâneo tem como extremo fundamento negativo a finitude; ela está inteira em nossa forma de pensar, seja pela metafísica, lógica, ética ou política.

E se a morte para de matar numa greve de sete meses? Mas que morte é essa que deixa de ser uma condição humana para se tornar personagem de uma parábola? Ou de um pesadelo? É preciso primeiro entender um pouco desse estranho humor.

Baudrillard, em *A troca simbólica e a morte*, nos diz que a morte “como universal da condição humana, só passa a existir a partir de uma discriminação *social* dos mortos” (BAUDRILLARD, 1996, p. 195). Portanto, a morte enquanto “instituição” foi uma “conquista tardia do racionalismo político de castas de sacerdotes e de Igrejas: é sobre a gestão dessa esfera imaginária da morte que eles fundam o poder” (p. 196).

O que está em questão, em *As intermitências da morte*, é o crescimento do poder de gestão sobre a vida (biopoder) numa espécie de tanatocracia. Nas palavras de Baudrillard: “É sobre a morte secularizada, a transcendência do social que ele [o Estado] se apóia, e sua força lhe vem dessa abstração mortal que ele encarna” (BAUDRILLARD, 1996, p. 195).

Saramago aborda um ponto muito delicado: o estado e a igreja estabeleceram desde os seus primórdios uma complexa relação entre vida e sobrevivência e entre o reino terrestre e o reino do céu. E ambos velam de modo ciumento e possessivo sobre isso. Se essas distâncias desaparecem, esses poderes acabam. Nas palavras de Baudrillard: “A Igreja vive da eternidade diferida (assim como o Estado vive da sociedade diferida, como os partidos revolucionários vivem da revolução diferida: todos vivem da morte)” (BAUDRILLARD, 1996, p. 196).

Não nos apressemos. É preciso desdobrar um pouco essas relações entre a política (a Igreja, o Estado, os partidos...) e a morte. Segundo Baudrillard (1996, p. 196-7), foram precisos muitos séculos de pregação cristã para que o Estado e a Igreja constituíssem uma universalidade abstrata de Deus e dessa emergência a morte despontasse verdadeiramente no horizonte da vida. Até o século XVI, a Igreja e o Estado alimentaram a festa jubilosa e folclórica da morte. A morte figurava numa grande dança igualitária e messiânica.

A partir do século XVI, a morte “perdeu a foice e o relógio, perdeu os Cavaleiros do Apocalipse, e os jogos grotescos e macabros da Idade Média” (BAUDRILLARD, 1996, p. 197).

Max Weber, em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, soube mostrar que a partir do século XVII o papel da morte mudou. A economia política da salvação cedeu lugar à ascese intramundana. No empreendimento moderno, a morte é conjurada. A morte afastada do cotidiano deixa de ser a grande ceifeira e torna-se angústia da morte: “A partir desse inferno psicológico, outras gerações de sacerdotes e feiticeiros vão crescer, mais sutis e mais científicos” (BAUDRILLARD, 1996, p. 197). A morte nos dias atuais é, antes de tudo, a equivalência geral sob a forma de acumulação e produção.

A morte, no romance de Saramago, adquire as diferentes formas com que é observada ao longo da história. É a morte macabra, que nos toca de fora, e surge na forma da ceifeira com a gadanha. É a morte mórbida, que vem de dentro, da degeneração do corpo; mas que socialmente é posta a distância (mortos são enterrados em cemitérios afastados do cotidiano). E essas formas de *atropos* se desdobram em outras, em contínuas especializações, sofisticando cada vez mais a capacidade de gerir a vida.

## **Tanatopoder ou biopoder**

O tanatopoder não é uma figura somente do mundo moderno, ela está lá na réplica de Sócrates a Calicles: “Sócrates é um tanatocrata” (BENOIST, s.d., p. 167). A dialética do desejo (do poder), de Platão a Hegel, desenrola suas metáforas sobre um fundo de morte (p. 167). Por outro lado, Foucault (1999, p. 311) nos mostra o quanto isso nos é contemporâneo por meio da análise do nazi-fascismo. Segundo ele, uma sociedade nazi-fascista é uma tanatocracia que generalizou absolutamente o biopoder e a isso conjugou o direito de matar numa espécie de estado de exceção.

O mundo desregrado, deportado fora de si mesmo, de *As intermitências da morte*, é e não é apenas o nosso mundo. Trata-se de uma alegoria sobre a dialética do poder que sempre se constitui a partir de um fundo de morte, dando a si mesmo o direito de matar e de deixar viver.

Entretanto, é inegável que há um biopoder político que se sofisticou muito a partir do século XIX, a ponto de fazer viver vidas que “deveriam biologicamente, estar mortas há muito tempo” (FOUCAULT, 1999, p. 296) e deixar morrer vidas consideradas inúteis ou desnecessárias. Com certeza, Saramago queria nos falar muito sobre isto: um tanatopoder que cinicamente quer gerir a vida (fazer viver e deixar morrer). Os hospitais devolvem os doentes para suas casas. O governo propõe grupos inócuos de pesquisas interdisciplinares para elocubram sobre a morte. Os economistas incitam a população a tratar os velhos e os enfermos como despojos humanos (IM, p. 79). O governo contrata os serviços de uma organização benemérita denominada máphia: “A máphia, Sim senhor, às vezes o estado não tem outro remédio que arranjar fora quem lhe faça os trabalhos sujos” (IM, p. 185). O governo, os hospitais, os economistas e todos os poderes que tomam posse da vida, com seus saberes sobre o corpo e sobre a população, enfim, todo biopoder, com suas técnicas políticas de intervenção e normalização, nada podem diante da morte que deixa de matar? É nesse momento que ironicamente o biopoder mostra sua verdadeira face ao encontrar quem faça seu “trabalho sujo”: “retardar a acumulação de pacientes terminais” (IM, p. 85), suicidar os que não podem morrer.

### **“O plano de desactivação”: “Agora, não, Agora sim”**

E ainda assim, se interrompido esse ciclo, haverá que estar atentos ao que no ponto de ruptura dele pode enxertar-se

José Saramago

### **(De)funções**

Como já explicamos, nesse romance de Saramago, a morte para de matar: “No dia seguinte ninguém morreu” (IM, p. 11). A rainha-mãe é então mantida viva, “não se sabe por que estranho capricho” (IM, p. 12) pela morte (também podemos, por indução, ler: pelo Estado); ficando em estado de suspensão. O que a impedia de ir para o outro lado era o “ténue fio que a morte (...) continuava a segurar” (IM, p. 12). É claro que esse fio é o poder.

Sabemos que a “imortalidade” não é um privilégio só da rainha, algo semelhante acontece a um velhinho que estava a ponto de finar-se. Esse mesmo avozinho que, conforme o citado anteriormente, sendo o precursor daqueles que não vivem nem morrem, vai ser eleito por um “movimento popular de massas” (IM, p. 15) para governar. Ora, quais as condições desse veterano para desempenhar tal função? Segundo o narrador, o “estado de coma profundo” não foi levado em consideração, particular importância não lhe foi atribuída (IM, p. 15, grifo nosso). Se esse homem encontra-se em coma, no “estado de vida suspensa”, quem governaria?

No início da história, o narrador nos faz saber que a ausência de óbitos, defunção, é registrada em todo o país. A massa entende ser uma certeza o que é uma hipótese: o avozinho “abriu de repente os olhos antes que soasse a última badalada no relógio da torre, como se se tivesse arrependido do passo que ia dar, e não morreu” (p. 14, grifo nosso) converte-se em “Arrependeu-se”. Equívoco que produzirá no futuro “cidadãos firmemente convencidos” (mortos-vivos? mortos nas suas certezas?) (IM, p. 15). O eleito para guiar a massa está em estado de suspensão. Um caos se estabelece nessa pátria imortal, de eternizados, pois aqueles que se encontram em fase terminal não conseguem mais morrer, mas também não se curam nem melhoram.

O governo do país não dá o “menor sinal de vida” (IM, p. 16) e à “falta de elementos suficientes de juízo” age automaticamente, mecanicamente (IM, p. 16), com o tropismo que se tornou a segunda

natureza dos políticos. Visto que ninguém mais morre (e também não vive?), uma “crise” se alastra por todos os setores da economia e os seus representantes surgem para reivindicar acordos de proteção ao governo: são as empresas do negócio funerário, os diretores e administradores dos hospitais, o cardeal, os lares da terceira idade e outros.

Parece que, com esse “estado de vida suspensa”, ninguém sabe bem o que fazer. Todavia, conforme os interesses de cada indústria, de cada setor, as respostas ao problema vão sendo dadas.

A igreja se vê abalada no seu alicerce: “Sem morte, ouça-me bem, senhor primeiro-ministro, sem morte não há ressurreição, e sem ressurreição não há igreja” (IM, p. 18). Assim, o cardeal manda pôr em circulação a tese da “morte adiada” (IM, p. 20). Segundo o religioso, embora contradiga a realidade, a igreja pondera muito antes de abrir a boca: “não falamos por falar, calculamos os efeitos à distância, a nossa especialidade, se quer que lhe dê uma imagem para compreender melhor, é a balística” (IM, p. 19). Para a igreja não haveria problemas; todas as suas perguntas trazem outras intenções escondidas, ou seja, trazem soluções prévias:

senhor primeiro-ministro, mas as perguntas, refiro-me às nossas, observe como elas costumam ter, ao mesmo tempo, um objetivo à vista e uma intenção que vai escondida atrás, se as fazemos não é apenas para que nos respondam o que nesse momento necessitamos que os interpelados escutem de sua própria boca, é também para que se vá preparando o caminho às futuras respostas (IM, p. 19).

Por um fio invisível a religião leva, atado, o seu rebanho. Com a vantagem de que a igreja “embora às vezes não o pareça, ao gerir o que está no alto, governa o que está em baixo” (IM, p.20). Dessa forma, a outra “especialidade” da igreja, “além da balística, tem sido, neutralizar, pela fé, o espírito curioso” (IM, p. 20). Seria esse o verdadeiro “espírito santo”? Curioso mesmo é o fato de nem o cardeal estar isento do estado de morte suspensa; ao sofrer um ataque de apendicite aguda, perde a consciência inteiramente, quando é anestesiado para cirurgia. O coração (cardeal) da igreja estaria em suspensão? Anestesiado?

As agências funerárias resolvem realizar enterros de animais de estimação, pássaros, canários, elefantes; enfim, oficializar o que era antes da crise era “uma intervenção marginal” (IM, p. 27).

Na área da saúde, temendo ficar “a braços”, os hospitais passam a devolver, aos seus familiares, aqueles que não aparentam possibilidade de cura ou melhora. O número de pessoas que já deviam ter passado à outra vida, sendo cada vez maior, teria causado um “engarrafamento como os dos automóveis” no “processo rotativo de enfermos” dos hospitais, segundo os seus diretores e administradores (IM, p. 27-8). Agora são os braços que vão ficando imobilizados?

Nos lares do feliz ocaso, também pela interrupção da, antes “imparável”, “rotação de vidas e mortes”, o dilema, que angustiará qualquer “gestor de recursos humanos” (IM, p. 30), surge: diante do excesso de internos, deviam continuar recebendo ou não os hóspedes? Daí, preocupados com o tempo em que tiverem que “baixar os braços”; patrão, gerente e empregados buscam alguma ideia sobre o que fazer. Haveria a hipótese de que as famílias reassumissem as suas obrigações, como no caso dos hospitais, isso se “ainda se encontrasse nela alguém com suficiente tino na cabeça e energias bastantes no resto do corpo” (IM, p. 31). O remédio, então, seria construir novos lares para os velhos, “grandes edifícios, com a forma de um pentágono, por exemplo, de uma torre de babel, de um labirinto de nossos, primeiro bairros, depois cidades, depois metrópoles, ou, usando palavras mais cruas, cemitérios de vivos” (IM, p. 31). Mas, é claro que isso seria apenas remediar a situação, pois a massa gigantesca dos caquéticos, agora imortais, continuaria crescendo e engoliria as gerações futuras que seriam convertidas na sua maioria em “pessoal de assistência e administração” e gastariam a vida toda a “cuidar de velhorros de todas as idades” (IM, p. 32,

grifos nossos). A “legião dos de má vista e mau ouvido” (IM, p.32) de todas as idades, nesse estado de vida suspensa, só viria a se multiplicar. O que diz Saramago? Antes “tudo era em ponto pequeno” e agora?

Todos vão manipulando o fio invisível do poder, tendo em vista assegurar o seu lugar no mercado, e vão dar com a cabeça “no muro das lamentações” (IM, p. 29), ou no “muro indestrutível da falta de cooperação da morte” (IM, p. 26).

Vejam as indústrias das seguradoras. Estas se veem em perigo e tentam garantir o seu lucro. Enquanto muitos clientes pedem o cancelamento das apólices, as companhias seguradoras querem arranjar um meio dos segurados heréticos pagarem as prestações “sempiternamente”. Uma solução parte do presidente da federação das companhias seguradoras, ele diz aos jornalistas, aos “órgãos de comunicação” (IM, p. 32), que o mais provável seria um consenso, “um acordo de cavalheiros”, em que ficaria fixada a idade de oitenta anos para morte obrigatória, obviamente em sentido figurado”. Ao alcançar tal idade o segurado seria convertido em alguém “virtualmente morto” e poderia proceder a cobrança do montante que lhe caberia (IM, p. 33).

### **O “sistema de contagotas”**

Mais um outro acordo é proposto nessa história, saberemos adiante. Uma família, que se encontrava perto da fronteira dos países limítrofes, tinha dois integrantes em “estado de vida suspensa”, ou de “morte parada”: um avô e um neto. Até que o velho chama a filha, esta lhe oferece água, ao que ele responde: “Não quero água, quero morrer” (IM, p. 39). A filha comenta que isso não seria possível, de acordo com o médico. Mas o pai questiona este saber e diz a filha uma forma de realizar seu desejo. Ela cumpre a vontade do pai. O plano era atravessar a fronteira para que ele pudesse morrer junto com o neto no outro país. Assim é feito, contra todas as leis (da cidade, da ciência, da gravidade), o pai e o filho vão morrer. Daí nasceria o tráfico de padecentes (entorpecentes?). As referências aos textos bíblicos são explícitas: a cruz, o sacrifício, o pai e o filho. Após a notícia se espalhar, práticas ilegais semelhantes vão surgindo por toda parte. O governo, pressionado pelos países fronteiriços, condena a ação e envia as forças armadas às fronteiras para impedir que “qualquer cidadão em estado físico de diminuição física terminal” (IM, p. 48) ultrapasse o limite. Mas omitiu-se o fato de que o governo não tinha o objetivo de travar totalmente o surto migratório. A decisão de intervir ou não seria ponderada: “este sim, este não” (IM, p. 49).

### **Pile ou face: pile et face**

A decisão do governo funcionou até os vigilantes das fronteiras receberem ameaças pelo telefone. Deveriam fazer vista grossa “ao tráfico clandestino de padecentes terminais”, “fechar os olhos”, se não queriam engrossar a lista daqueles que estavam como mortos-vivos. Corpos de vigilantes foram encontrados neste estado. E, logo, por meio de um telefonema, uma solução para o problema é ofertada ao governo: “Estabeleçamos um acordo de cavalheiros, disse a voz do outro lado, o ministério manda retirar os vigilantes e nós encarregamo-nos de transportar discretamente os padecentes” (IM, p. 50). Observemos, o grupo que propõe um novo “acordo de cavalheiros” ao governo é chamado de “máphia” (IM, p. 50), com ph, para se distinguir da máfia clássica. Atendem para o fato de que se tratam de especialistas, de “gente honesta”, daí o ph nos remeter a PhD e também a pessoas honestas (ph): “Quem são vocês, perguntou o diretor de serviço que atendera a chamada. Apenas um grupo de pessoas amantes da ordem e da disciplina, gente altamente competente em sua especialidade, que detesta confusões e cumpre sempre o que promete, gente honesta, enfim” (IM, p. 50).

Preocupado em manter a fachada -“O importante é que não pareça”, (*IM*, p. 52)- o governo faz uma contraproposta à máphía: “os vigilantes não serão retirados, permanecerão nos lugares onde agora se encontram, mas *desactivados*, Desactivados” (*IM*, p. 52, grifo nosso).

Podemos perceber que a máphía é PhD em tráfico, PhD em delinquência; mas para que ela funcione é necessário o acordo entre as partes, é necessário que alguém atenda o chamado. Assim, o funcionário, a hierarquia, o governo, e as famílias de padecentes (entorpecidos? passivos?) são a gente honesta que, muitas vezes, se cala por estar comprometida:

O que interessa neste caso é o facto de que todos acabaremos ganhando, nós, que nos tiramos um peso de cima, os vigilantes, que não voltarão a ser lesados na sua integridade física, as famílias, que descansarão sabendo que seus mortos-vivos se converteram finalmente em vivos-mortos, a máphía, que cobrará pelo trabalho, Um arranjo perfeito, senhor primeiro-ministro, Que aliás conta com a fortíssima garantia de que ninguém estará interessado em abrir a boca (*IM*, p. 53).

Mas não se pode confiar na máphía, nem em garantias, nem em proteção. Para aquela que tem como armas preferidas: subornar, intimidar e corromper, havia uma condição para aceitar a contraproposta: só “deveriam ser desactivados” aqueles que ela não conseguisse corromper. O que essa organização criminosa queria era aproveitar a gigantesca rede de informações do governo; dessa forma ficaria mais fácil a sua ação em escala nacional (*IM*, p. 54). E o governo, sentindo-se de “pés e mãos atados” (*IM*, p. 58), vai cedendo vergonhosamente a todas as exigências dos máphiosos, chegando a consentir que grande parte dos funcionários públicos em atividade trabalhe em tempo integral para as tais delinquentes. A “direcção nacional dos máphiosos” (*IM*, p. 55) dispunha até do poder de deslocar os vigilantes para onde quisesse e de substituir os desativados pelos que estão ao seu serviço.

Com o traslado de número maior de padecentes, os problemas com os três países limítrofes começam a se acentuar. E tais países deixam cair a máscara que escondia a verdadeira face de imperialistas que têm (*IM*, p. 53-4). Armam as fronteiras. Isso dificulta o trabalho da máphía. Daí descobrimos que há máphias atuando nos países vizinhos, que os guardas dos outros países também fecham os olhos às suas ilegalidades e que esses máphiosos fazem acordos internacionais.

## **O espírito curioso**

No capítulo 6, há um diálogo entre um aprendiz de filósofo e “o espírito que pairava na água do aquário” em que surgem as questões do espírito: “Já pensaste se a morte será a mesma para todos os seres vivos” (*IM*, p. 72); em que momento morreu o bicho-da-seda; como pode uma vida nascer da morte da outra; teria o bicho-da-seda morrido ou ele vive na borboleta. O aprendiz responde a estas e outras perguntas de forma simplificadora que, tal processo toda gente sabe, trata-se de “metamorfose”. Mas o rótulo que o personagem põe não dá conta do que acontece. Diz o espírito:

Aí está uma palavra que soa bem, cheia de promessas e certezas, dizes metamorfose e segues adiante, parece que não vês que as palavras são rótulos que se pegam às cousas, não são as cousas, nunca saberás o como são as cousas, nem sequer que nomes são na realidade os seus, porque os nomes que lhes deste não são mais do que isso, os nomes que lhes deste (*IM*, p. 72).

A tentativa de resposta do aprendiz quase neutraliza a importante questão de um espírito curioso: haveria continuidade ou descontinuidade entre os acontecimentos? A borboleta seria uma continuação da lagarta ou não? A morte é a mesma?

O que se observa é que os dois falam da morte maior, mas também das pequenas mortes: porque cada um levaria a sua morte dentro de si, os homens, os animais, as plantas, cada um com a sua. Mas o que seriam essas mortes? As mortes são “mortes por assim dizer de vida limitada, subalternas, morrem com aquele a quem mataram, mas acima delas haverá outra morte maior, aquela que se ocupa do conjunto dos seres humanos desde o alvorecer da espécie, Há portanto uma hierarquia” (IM, p. 72), explica o espírito.

As limitações e subserviências são as pequenas mortes. Presente em todos os seres. Assim se morre todos os dias. É claro que há a grande morte no topo, a hierarquia, a senhora morte que se ocupa dos humanos. Para além de todas as mortes, haveria ainda outra maior, que não conhecemos, a que destruiria todo o universo. Mas, é só essa nossa hierarquia que “suspendeu a actividade”, as outras mortes continuam ativas no seu setor.

É claro que dizer se um copo está cheio ou vazio, se há continuidades ou descontinuidades, se o ser é ou não é, pode também apaziguar o espírito; podemos nos perder nas formas. Isso, se não se tiver em vista às intermitências, ou o sentido das intermitências.

Uma polémica sobre a morte e as mortes começou, após o aprendiz de filósofo anunciar o que dizia o espírito. Houve tentativas de depreciar e contestar tal filosofia. Contra a desqualificação da tese do espírito pesava o fato de que era visível os animais morrerem e os seres humanos não. Os vegetais, por exemplo, “tal como antes, nasciam, verdejavam, mais adiante murchavam, logo secavam, e se essa fase final, com podridão ou sem ela, não se lhe deve chamar morrer, então que viesse alguém que o explicasse melhor” (IM, p. 74).

## **E quando a morte voltar a matar?**

ficavam (...) à espera de que o tempo passasse e de que o comboio do mundo regressasse aos carris do costume para fazer a viagem de sempre.

José Saramago

Quando a morte decide “devolver o supremo medo ao coração dos homens” (IM, p. 100), ela envia uma carta ao “director-geral da tv”, comunicando seu retorno. Após conversar e informar o ocorrido ao primeiro-ministro, o diretor faz fotocópias da carta – na sala onde antes estavam funcionários trabalhando, mas que o governante mandou “desocupar”, “evacuar” – se dirige à tv. Durante o telejornal, o diretor lê a carta da morte, vemos bem, ele está com o papel dela. Ciente disso, que fala pela remetente, o diretor-geral se preocupa em não parecer ter “covas na cara” (IM, p. 98). A carta diz, entre outras coisas, que a partir da meia-noite daquele dia morreriam todos os que já deveriam estar mortos; pois ela voltaria a matar, além disso, dali em diante, toda gente seria prevenida, por igual, sobre o tempo que lhe restasse de vida, com uma carta cor de violeta, e teria uma semana para se preparar. As cartas seriam uma espécie de aviso-prévio. Reparem que a morte sofre duras críticas sobre sua sintaxe caótica, o interessante é que ela escreve da mesma forma que Saramago.

Com o regresso da morte, inicia-se a preocupação com a quantidade de pessoas falecidas que se terá de “evacuar” em um curto prazo e com os vivos que, convencidos de que iriam viver eternamente, ficariam traumatizados ao saber que iriam morrer. O governo se reúne para organizar “equipas de psicólogos” que iriam prestar assistência aos traumatizados.

Os representantes das funerárias alvoroçados se encontram para discutir sobre a tal “morte simultânea” e sobre os procedimentos para o “despacho fúnebre” de milhares de pessoas. Agora tinha terminado a vergonha de enterrar animais: cães, gatos, canários de estimação, papagaios, “peixinhos tropicais” (estes depois da polêmica dos espírito que pairava sobre as águas do aquário). Nesse momento, surge uma interpretação cruel e ameaçadora, por parte de um secretário, da lei de Lavoisier: os peixinhos tropicais, “vão passar a dá-los aos gatos, por aquilo de lavoisier, quando disse que na natureza nada se cria e nada se perde, tudo se transforma” (IM, p. 104). Parece que eles também querem desativar os peixinhos tropicais (o terceiro mundo?). Mas, há o revés, a morte é para todos, o presidente da associação da classe sofre um infarto do miocárdio e morre à meia-noite.

Os médicos aparecem para atestar os óbitos e a igreja continua mais interessada na morte, em acompanhar o funeral da rainha-mãe.

As seguradoras, mesmo com o retorno da morte, decidem manter a idade de oitenta anos para considerar um assegurado morto. Há até aqueles que, aproveitando a confusão, tentam fazer que a idade para morte virtual passe para oitenta e cinco ou noventa, quando muitos não poderão mais pagar; e, com isso, os lucros seriam muito maiores. Todavia, se isso é considerado desumano, declaram que “Negócios, são negócios” (IM, p. 117). Mas é nisso também que pensa a máphia com ph, para se distinguir da outra (a dos seguros?).

E a máphia? Pensando no seu lugar no mercado da morte, a máphia passa a visitar as agências funerárias a explicar que tais estabelecimentos poderiam ser alvo de assaltos e atentados, o que deixa os proprietários, os gerentes das empresas, e os familiares deles, desesperados. Daí a máphia faz a sua oferta, a “protecção”: “E que posso eu fazer, perguntava tremendo o pobre homem, Nada, o senhor não pode fazer nada, mas nós poderemos defendê-lo se no-lo pedir” (IM, p. 118). Para tanto, esses especialistas em tramoias impõem suas condições: que não se fale sobre o assunto “A minha boca não se abrirá, Melhor assim, ou então arriscar-se-á a ficar com ela fechada para sempre” (IM, p. 119) e que se pague o que disserem para ser pago. A máphia ainda alimenta esperanças de que, um dia, esteja a “defender a humanidade inteira”, se ela estiver “disposta a pagar o preço” (IM, p. 119). Estará?

### **“Um morto à espera”**

[E,] de repente, a morte deixou de estar, estava e não está, ou está, mas não a vemos, ou nem isso, atravessou simplesmente o tecto da sala subterrânea.

José Saramago

Com o “estado de vida suspensa”, temos um corpo que vai morrendo, defunções: a rainha (coroa) em suspensão, um governante das massas em coma (cabeça parada); o coração da igreja anestesiado (cardeal); a área da saúde a braços (hospitais e lares do feliz ocaso engarrafados, num engarrafamento os carros vão parando); o centro do governo e os seus vasos comunicantes de pés e mãos atados. Os órgãos vão parando, o corpo morrendo e, se isso não é morte, que alguém explique melhor. As defunções, as pequenas mortes, continuam atuando. Querem neutralizar o espírito curioso, desativam os vigilantes e corrompem os funcionários públicos. E, se a igreja pondera muito ao abrir a boca, muita gente se cala por estar comprometida. Esse tempo passou?

Com o regresso da morte soberana, parece que: “o efeito será o mesmo, Contrário, Contrário, mas o mesmo” (IM, p. 92). Continua-se a desativar, inutilizar, paralisar, aturdir. Os mais velhos ainda são considerados virtualmente mortos, portanto, desativados; a igreja se ocupa com a morte; a máphia aterroriza, oferece protecção e as pessoas não abrem a boca; o governo, para manter a fachada, fecha os

olhos e, com “espírito previsor” (IM, p. 109), só sabe prever e remediar. Enfim, todos manipulam o fio invisível do poder; mas esquecem a espada suspensa, por esse fio, sobre a cabeça, pronta para cair e matá-los (a espada de Dâmocles).

E não é difícil imaginarmos as cidades labirintos, as metrópoles, esses cemitérios de vivos dos quais nos fala Saramago. Nem os desativados, nem as (de)funções, nem as gerações convertidas em pessoas de “assistência” e “administração”. Por quê? Talvez, nos seja bem conhecido esse “tempo da morte”:

A morte conhece tudo a nosso respeito, e talvez por isso seja triste. Se é certo que nunca sorri, é só porque lhe faltam os lábios, e essa lição anatômica nos diz que, ao contrário do que os vivos julgam, o sorriso não é uma questão de dentes. Há que diga, com humor menos macabro do que de mau gosto, que ela leva afivelada uma espécie de sorriso permanente, mas isso não é verdade, *o que traz à vista é um esgar de sofrimento, porque a recordação do tempo em que tinha boca, e a boca língua, e a língua saliva, a persegue continuamente* (IM, p. 139, grifo nosso).

Mas o que acontece com a morte encarregada dos homens? Contrariando a ideia de que “não há regra sem exceção”, à “*morte soberana*, em que, por simples definição do conceito, seria inadmissível que se pudesse apresentar qualquer absurda exceção, aconteceu que uma carta de cor violeta foi devolvida à procedência” (IM, p. 135). Dessa morte em particular, trataremos a seguir.

## 2 Da nossa trágica brevidade e do inexplicável

(...) que um passo a trás o aproximará [o rebanho humano] tanto da morte como um passo em frente, que tudo (...) terá um único fim, esse em que uma parte de ti sempre terá de pensar e que é *a marca escura da tua irremediável humanidade*. [grifo nosso].

José Saramago

Após a leitura de *De profundis*<sup>3</sup>, de José Cardoso Pires; algo nos fez recordar um trecho do romance de Saramago: *As intermitências da morte*. O fato é que, no livro de Cardoso do Pires há uma simulação de dois personagens conversando, Martinho e Ramires, sobre um sonho que um deles teria tido. Seria uma declaração de Martinho: “Sonhei que ele [um médico] me estava a descifrar de tampa aberta e que do meio dos miolos me saiu uma data de borboletas” (PIRES, 1998, p. 61). Ramires, fazendo piada, insinua serem vespas; ao que o primeiro replica que melhor seria, pois as borboletas são mesmo mais chegadas a cemitérios, na primavera. Logo após, encontramos uma nota de rodapé onde Pires comenta que, ao redigir o diálogo, teria se lembrado da *Acherontia atropos*, ou “mariposa-caveira” (p. 61). Era essa referência<sup>4</sup> à borboleta-caveira que nos remetia ao romance de Saramago. Expliquemos.

### A morte diante de si: o jogo especular

Longe de nos ser uma ideia fixa, a figuração da *Acherontia atropos*, nessa obra de Saramago, traz uma importante chave de leitura. Para ir direto à questão e tratarmos do particular, um resumo: a morte, que parece mais uma espécie de funcionária pública, para de matar e torna a vida dos homens caótica. Adiante, sua greve termina e ela tem a ideia “genial” de enviar cartas cor de violeta àqueles que irão morrer; no entanto, uma dessas cartas retorna; ela reenvia, mas a situação se repete. Assim, um homem escapa da

morte e completa cinquenta anos. Mas esse violoncelista devia morrer aos quarenta e nove. A morte sai à sua procura, começa a acompanhá-lo pensando em como resolver tal problema. Numa das visitas à casa do músico, ao olhar um manual de entomologia na estante, ela se depara com algo que lhe parece inexplicável:

Conforme se pode ver na imagem que vem no livro, a caveira é uma borboleta, e o seu nome latino é *acherontia atropos*. É noturna, ostenta na parte dorsal do tórax um desenho semelhante a uma caveira humana alcança doze centímetros de envergadura e é de coloração escura, com asas posteriores amarelas e negras, e chamam-lhe *atropos*, isto é, morte. O músico não sabe, e não poderia imaginá-lo nunca, que a morte olha, fascinada, por cima do seu ombro, a fotografia a cores da borboleta. Fascinada e também confundida (*IM*, p. 173).

O que temos no trecho acima? A morte olha a “*acherontia atropos*”, a borboleta-caveira, aquela presente no texto de Cardoso Pires, aquela que pertence ao imaginário popular. E mais, a morte em face da morte, caveira com caveira. Depara-se com um poder que parece maior do que o seu. E ela começa a pensar nas segmentações da natureza, sempre pela ordem hierárquica, até chegar aos homens:

Provavelmente, pensa a morte, houve um tempo em que os seres vivos eram uma coisa só, mas depois, pouco a pouco, com as especializações, (...) infundas macrospecializações e microspecializações se sucederam ao longo das eras, não sendo portanto nada de estranhar que, em meio de tal confusão, tal atropelo biológico, algumas particularidades de uns estivessem repetidas noutros. Isso explicaria, por exemplo, não só a inquietante presença de uma caveira branca no dorso uma borboleta *acherontia atropos*, que curiosamente, além da morte, tem no seu nome o nome de um rio do inferno, como também as não menos inquietantes semelhanças da raiz da mandrágora com o corpo humano (*IM*, p. 174).

Saramago também faz referência à raiz de mandrágora que, assim como a borboleta, aparece no imaginário popular como uma referência à morte, por possuir alguma semelhança com o corpo humano<sup>5</sup>.

Mas o que isso quer dizer na obra de tal escritor? Ora, o que aparece na forma de uma pinta branca na borboleta é a nossa caveira, a marca da nossa morte, de nossa efemeridade. Se comparássemos ao número de indivíduos que pode haver em cada uma das espécies de insetos que cita o manual, entenderíamos que os homens são, no universo, “um fiozinho de merda a ponto de se dissolver” (*IM*, p. 175). É só algo afastar o homem da sua “normalidade” que isso se torna visível.

## A pequena morte

Confusa<sup>6</sup> diante de algo que lhe escapa, algo que tange o desconhecido, a morte encarregada dos homens torna-se pequena e reconhece seu lugar “subalterno” na “hierarquia de tãatos” (*IM*, p. 176). O que a morte percebe é o “limite” de seu poder e da sua “genialidade” diante desse extraordinário recurso da natureza:

Agora está triste porque compara o que haveria sido utilizar as borboletas da caveira como mensageiras de morte em lugar daquelas estúpidas cartas de cor violeta que ao princípio tinham lhe parecido a mais genial das idéias. A uma borboleta destas nunca lhe ocorreria voltar para trás, *leva marcada a sua obrigação nas costas, foi para isso que nasceu* (*IM*, p. 175, grifo nosso).

“Atropos”, a morte no nome; “aqueronia”, o inferno no nome; e o sinal da morte nas costas. Tudo remete ao nosso único fim. Se nascemos com algum “telos”. Não é à toa que a morte está olhando sobre o ombro do violoncelista; também ele leva a sua marca nas costas (seu peso?), nasceu para morrer.

No entanto, as borboletas não estão sob a sua jurisdição. A encarregada de tratar da passagem dos insetos a “não-vida” é outra. Assim, seria muito difícil conseguir algumas delas para pôr ao seu serviço. O efeito seria espetacular, calcula:

(...) veríamos doze centímetros de borboleta adejando entre as nossas cabeças, o anjo da escuridão exibindo as suas asas negras e amarelas, e de repente, depois de rasar o chão e traçar o círculo de onde já não sairemos, ascender verticalmente diante de nós e colocar a sua caveira diante da nossa (IM, p. 173).

E nesse jogo especular, morte-borboleta, borboleta-homem<sup>7</sup>, homem-morte, estão todos diante de um espelho e do seu fundo escuro sai a imagem derradeira. Muito interessante no romance essa constante inversão dos papéis: a morte que nos toca, nós que a tocamos; ela que nos mata ou abala, nós que a profanamos; a morte ora é senhora de si e dos homens (soberana), ora é uma pequena morte, subalterna, limitada (recordar as pequenas mortes que cada um traz consigo).

### **A senhora atropos e o nazi-fascismo**

Essa morte que é abalada pela possibilidade de sua própria finitude<sup>8</sup>, que deixa de olhar por cima, oscila; porque tem desejos grandiosos, nazi-fascistas:

A morte, esta que já deixou de olhar por cima do ombro do violoncelista, compraz-se a imaginar o que seria ter às suas ordens um batalhão de borboletas alinhadas em cima da mesa, ela fazendo a chamada uma a uma e dando as instruções, vais a tal lado, procuras tal pessoa, pões-lhes diante a caveira e voltas aqui (IM, p. 176).

Ela se compraz em se imaginar, como um comandante diante de um exército, a dar as ordens de matar. Não se trata de um desejo impossível de concretização. Se, no lugar de nesse batalhão de borboletas-caveira, lermos soldados. Se, no lugar da morte, lermos um senhor que dá as ordens ao extermínio; entendemos muito bem o que Saramago quer dizer. Quantas vezes na história foi nos relatado isso?<sup>9</sup> Forças “Caveiras”, onde será que vimos isso? Muitos são os sentidos e formas que a morte adquire no livro e são muitas as intermitências.

Essa personagem chamada morte, representada diversas vezes como uma burocrata, nos dias em que perseguiu o violoncelista: “foi, mais do que a sombra, o próprio ar que o músico respirava. Sombra tem um grave defeito, perde-se-lhe o sítio, não se dá por ela assim que lhe falta uma fonte luminosa” (IM, p. 169)<sup>10</sup>. Mas quem perde o lugar que ocupa é o homem que morre, como aqueles que deixaram ou deixarão vago o lugar numa orquestra.

### **Pontos de suspensão no vago**

Mas, e nas intermitências da morte, o que acontece? A morte que tem o “verbete”<sup>11</sup> do violoncelista na mão, ou seja, sua vida, e não consegue cumprir seu ofício. Em visita ao músico, anterior a já citada, ela

pôde ouvir uma música que o violoncelista considerava o único retrato musical possível de si. Trata-se de um Estudo de Chopin, *Opus 25*, N° 9, em Sol bemol maior (IM, p. 170), para piano:

O que à morte impressionava era ter-lhe parecido ouvir naqueles *cinquenta e oito segundos* de música uma transposição rítmica e melódica de toda e qualquer vida humana, corrente ou extraordinária, pela sua *trágica brevidade*, pela sua *intensidade desesperada*, e também por causa daquele *acorde final* que era como um *ponto de suspensão deixado no ar*, no vago, em qualquer parte, como se, irremediavelmente, *alguma coisa ainda tivesse ficado por dizer* (IM, p. 171, grifos nossos).

A morte fica perplexa, pois, com apenas cinquenta e oito segundos tal estudo consegue expressar a trágica brevidade e a intensidade desesperada de uma vida. O mais interessante, e que não consta no romance, a composição também é conhecida como “Papillon”<sup>12</sup> ou “Butterfly”. Está clara a referência ao que seria vida (não só a do violoncelista): seria intensa, mas breve, como se algo sempre ficasse por se realizar quando termina.

O violoncelista havia caído num dos pecados humanos que menos se perdoa, o da presunção, quando imaginara ver a sua própria e exclusiva figura num retrato em que afinal se encontravam todos, a qual presunção, em todo caso, se repararmos bem, se não nos deixarmos ficar à superfície das cousas, igualmente poderia ser interpretada como uma manifestação do seu radical oposto, ou seja, a humildade, uma vez que, sendo o retrato de todos, também *eu* teria de estar retratado nele (IM, p.171, grifo nosso).

O efêmero é o retrato de todos. É a inscrição da morte nos homens, nas borboletas, nos vivos. O retrato de todos também é um recurso, Saramago não se exclui do retrato que faz do homem. Também ele é mortal e breve. Reparem no “eu” que surge no meio do texto.

O romance de Saramago parece anunciar que a música também depende das intermitências, das pequenas mortes, como a vida. Pois “num só arquivo os nomes e os papéis, todos eles, dos vivos e dos mortos que (...) só juntos poderiam representar a humanidade como ela deveria ser entendida, um todo absoluto, independente dos tempos e dos lugares” (IM, p.172). Porque as coisas podem ser para bem ou para mal.

E se isso ainda deixa a morte confusa, ela tenta identificar pelas mãos do músico sua intenção, já que, as mãos são “dois livros abertos”: “falam quando se abrem ou se fecham, quando acariciam ou golpeiam, quando enxugam uma lágrima ou disfarçam um sorriso (...), quando trabalham, quando estão quietas” (IM, p. 172)<sup>13</sup>.

Quanto ao violoncelista, Saramago esclarece que não se trata nem de presunção nem de humildade, o que se passa não consta nos dicionários e não podemos dizer como se chama, pois não tem nome. É o desconhecido que nos escapa. E a arte pode tocar o impossível de profanar, tocar o intocável, interrogar.

## ***Atropos and the intermittency***

### **ABSTRACT:**

This study aims to examine the relationships between time, death and power in the novel of Jose Saramago *Death With Interruptions*. Death, in a given society, decides not to kill anymore. What is the purpose of death's untimeliness? How to understand its interruptions?

**Keywords:** Time. Intermittency. Power. Death. Jose Saramago.

## Notas explicativas

- \* Professor Adjunto de Literatura Portuguesa da UERJ, Instituto de Letras. Professor da UFF. Coordenador do Mestrado em Literatura Portuguesa, UERJ.
- \*\* Mestre em Literatura Portuguesa, UERJ, 2009. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas Atualmente orientanda de Luci Ruas, no Programa de Pós-graduação da UFRJ, com bolsa Capes. Este trabalho foi realizado sob orientação do Prof. Dr. Mário Bruno e deriva das pesquisas do projeto “O encontro ao acaso com o real” (deste mesmo professor) ao qual está vinculada.
- <sup>1</sup> A partir de agora, todas as vezes que citarmos o romance *As intermitências da morte*, utilizaremos nas referências a abreviação *IM*, seguida do número da página.
- <sup>2</sup> Quando citarmos Estado, Igreja, etc. com iniciais em minúsculas, estaremos fazendo referência a essas palavras no texto *IM*, de Saramago.
- <sup>3</sup> Para evitar confusão, salientamos que o livro de Cardoso Pires é anterior ao romance de Saramago.
- <sup>4</sup> *De profundis* é um livro em que “a ambiguidade desestabiliza as certezas” (RUAS, 2008, p.265), em que o narrador (2ª parte) se depara com o que até então lhe era desconhecido, uma espécie de “morte branca”. Sem nome nem assinatura, o personagem se vê mergulhado numa paisagem anônima, de gente anônima, devido a um problema de memória (PIRES, 1998, p.40). O título da obra “a expressão inicial do Salmo 129 – uma referência às profundezas, lugar do insondável, do mistério, do oculto, das sombras, de onde deus surge para acolher o homem” (RUAS, 2008, p.269). Sendo o desconhecido, a morte, questões muito caras a Saramago, não seria impertinente uma aproximação entre os dois escritores. Além disso, a “morte branca” em que ele se encontrava, antes da recuperação, é também o tempo da cegueira (“tempo cego”), “nulo”, “passivo” (PIRES, 1998, p.60); o que permite uma comparação com a “cegueira branca” ou o “voto branco” presentes nos romances de Saramago. Todavia, o ponto de contato mais claro entre o dois é a borboleta da morte, deste nos serviremos e o restante são apenas apontamentos.
- <sup>5</sup> Recordemos certas superstições sobre as plantas e as borboletas negras que anunciarem a morte. Nas lendas (lendas), a mandrágora é associada ao suicida.
- <sup>6</sup> O que confunde a morte é “que uma caveira humana, desenhada com extraordinária precisão, tenha aparecido, não que sabe em que época da criação, no lombo peludo de uma borboleta” (*IM*, p.174). O que perturba são as formas que a morte adquire.
- <sup>7</sup> Saramago diz que a borboleta traz um sinal da nossa caveira e, algumas vezes, nós, artificialmente, a marca dela em tatuagem.
- <sup>8</sup> Afinal, quando a morte não puder matar mais nenhum humano, ela não existirá.
- <sup>9</sup> Impossível não nos lembrarmos nesse trecho de certa divisão nazista a “3ª Divisão SS *Totenkopf*”, que usava a insígnia de um crânio humano (inclusive no quepe), e de seus integrantes conhecidos como “Caveiras”, que atuavam em campos de concentração. Quantas vezes, portanto, os soldados não puseram diante daqueles que iriam morrer tal insígnia?
- <sup>10</sup> Essa afirmação nos faz indagar se não seria o Homem uma sombra. Porque se a ausência de luz faz desaparecer a sombra e torna tudo escuridão; o excesso de claridade, luz, ao meio-dia, também pode excluir a sombra. A nu, sem sombra nem abrigo, a imagem que temos do Homem desapareceria?
- <sup>11</sup> Ora, o verbo (verbeta) que se faz carne, não é a vida? Os verbetes são os verbos que se fizeram carne. O verbo que se torna substância, ou substantivo. Um nome. Remete-nos ao Senhor José, de *Todos os nomes*.
- <sup>12</sup> Um fato curioso. Papillon também é título de um filme de 1973, norte-americano, em que o personagem principal, que tem uma borboleta tatuada no peito, é condenado a cumprir pena na Ilha do Diabo. Por sua vez, o filme é baseado em um livro homônimo do escritor francês Henri Charrière. Deve-se observar que a Ilha do Diabo não é o rio do inferno; embora, inferno e Diabo não são coisas que se separem no imaginário popular. E há referências a tatuagens de borboleta no romance de Saramago. Fica a sugestão. Além disso, a curiosidade, tão cara a Saramago, já nos levou bem longe nesta leitura.
- <sup>13</sup> É importante observar que no romance a mão “esquerda” é a que mais trabalha e a direita é a mais aplaudida, a que ordena. Devemos observar o que dizem as mãos nos livros de Saramago.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *A linguagem e a morte*. Um seminário sobre o lugar da negatividade. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 165 p.
- BAUDRILLARD, Jean. *A troca simbólica e a morte*. Trad. Maria Stela Gonçalves e Adail Ubirajara. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 295 p.
- BENOIST, Jean Marie. *Tiranía do logos*. Porto: Rès, s.d., 188 p.
- BRUNO, Mário. A esfera-limite do agir em Estado de Exceção. In: *O Marrare*. Rio de Janeiro: Instituto de Letras/UERJ, ano 4, n.5, setembro de 2004a. 133 p.
- \_\_\_\_\_. *Lacan e Deleuze: o trágico em duas faces do além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b. 227 p.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lucia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. 118 p.
- \_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Editora 34: Rio de Janeiro, 1997. 237p.
- DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx*. O Estado da dívida, o trabalho do luto e a Nova Internacional. Trad. Ana Maria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. 234 p.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*. Parte II. Petrópolis: Vozes, 1992. 222 p.
- KANT, Emmanuel. *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. Trad. Rodrigo Naves e Ricardo R. Terra. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 9-24. 192 p.
- LOPES, João Marques. *Saramago: Biografia*. São Paulo: Leya, 2010. 246 p.
- PIRES, José Cardoso. *De Profundis: Valsa Lenta*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. 80 p.
- RUAS, Luci. *De Profundis, Valsa Lenta*, de José Cardoso Pires. In: DUARTE, Lélia Parreira (Org.) *De Orfeu e de Perséfone: morte e literatura*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Belo Horizonte, MG: Editorial PUC Minas, 2008, p. 265-284.
- SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, 207 p.
- \_\_\_\_\_. *Objeto quase*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 134 p.
- \_\_\_\_\_. *Pequenas memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 138 p.
- \_\_\_\_\_. *Todos os nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 279 p.